

MULHERES NO COLÉGIO ESTADUAL JÚLIA KUBITSCHK: MONUMENTALIZAÇÃO ATRAVÉS DE PLACAS E QUADROS

Adriano Fernandes da Silva Junior¹
Rosa Maria Souza Braga²

Introdução

O presente estudo objetiva revelar a monumentalização, conforme a perspectiva de Jacques Le Goff (1990), presente no Colégio Estadual Júlia Kubitschek (CEJK) através das placas e quadros expostos em suas paredes, principalmente em homenagem e/ou referência a mulheres na instituição, com o intuito de perceber tais elementos como objetos em que a memória se apóia, valendo-se das contribuições de Pierre Nora (1993).

Por meio da Lei nº 01 em 26 de abril de 1960, do antigo Estado da Guanabara, o CEJK é criado com o pressuposto de atender aos estudantes excedentes do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ).

O CEJK recebeu, inicialmente, a denominação de Escola Normal Júlia Kubitschek, prestando uma homenagem à Júlia Kubitschek de Oliveira, mãe do então Presidente da República Juscelino Kubitschek, que era professora primária, tornando-se, assim, patrona da instituição. Percebe-se, dessa forma, a escolha do nome de uma professora para denominar uma instituição formadora, principalmente, de professoras, uma vez que o maior público atendido pela mesma é o feminino. O nome de Júlia Kubitschek não aparece, apenas, na fachada do CEJK, mas é dedicado um espaço na instituição como um memorial da sua patrona.

Durante a visita de campo ao CEJK notou-se a materialização de momentos e homenagens realizadas na instituição nas inúmeras placas descerradas espalhadas por seu prédio, além do memorial à Júlia Kubitschek, incluindo fotografias, dedicatória de formandos, registro da inauguração do prédio e de obras nele realizadas, premiações granjeadas pela instituição, etc. Não se soube oficialmente, na maioria dos casos, em que circunstâncias tais placas foram descerradas e com qual intencionalidade, mas se apresentavam por todo o local como um registro material e memorial da instituição.

Esses materiais espalhados pela instituição se revelam com a finalidade de servir como um marco monumental do passado e, assim, evitar o esquecimento de certos acontecimentos e sujeitos, sendo a maioria mulheres, conforme a perspectiva desenvolvida por Pierre Nora (1993) e Le Goff (1990).

¹ Pedagogo e membro do Laboratório de Educação e República (LER) do Programa de Pós-graduação em Educação (ProPEd) da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (EDU/UERJ).

² Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (ProPEd) da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (EDU/UERJ). Pesquisador do Laboratório de Educação e República (LER) do Programa de Pós-graduação em Educação (ProPEd) da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (EDU/UERJ).

Memória e Lugares de Memória

O historiador francês Pierre Nora (1993) propõe em sua obra que o tempo está acelerado. O autor atribui esta aceleração aos fenômenos da globalização e da midiaticização, geradores de rápidas transformações no interior das mais variadas sociedades. Estas céleres e constantes rupturas entre o passado e o moderno produzem, segundo Nora, um esfacelamento da memória e, por consequência, uma necessidade de dedicar lugares a memória para que esta não seja consumida pelas mudanças do presente.

Todavia, Nora (1993, p. 08) assevera que: "Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história." Deste modo, quando uma sociedade institui espaços para ancorar a sua memória, com o intento de conservar as suas origens, é porque esta memória já não existe mais. São apenas vestígios e rastros; trilhas da história.

Segundo o autor

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações.³

Assim, o autor (1993) pontua que a memória emerge e é transportada no seio de grupos vivos, sendo dialética por suas variadas teses e antíteses, esquecimentos e recordações. Por se alimentar da multiplicidade de lembranças dos mais diferentes tipos de sujeitos que a carregam, a memória não é intocada e rígida, mas está aberta a modificações e aos mais diversos usos. Nora (1993, p. 09) complementa ao dizer que a memória é um "elo vivido no eterno presente", sendo um elemento sempre atual.

Paralelamente a este pensamento, o também historiador francês Jacques Le Goff (1990) contribui para os estudos da memória definindo-a, em uma perspectiva individual, "como propriedade de conservar certas informações" e "a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas", com características inconstantes e manipuláveis.⁴

O autor (1990) considera que a memória individual dos sujeitos compõe uma memória coletiva, que gira em torno das lembranças comuns do grupo que a compartilha. A memória coletiva manifesta a identidade e a origem de um determinado grupo, se apegando a um marco fundante, simplificador do passado, com a dominação do que se deve ou não recordar entendida como um instrumento de poder. Para Le Goff (1990) a memória coletiva "é essencialmente mítica,

³ Pierre Nora. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, dezembro de 1993. p. 09

⁴ Jacques le Goff. *História e memória / Jacques Le Goff*; tradução Bernardo Leitão... [et al.] - Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios), p.366

deformada, anacrônica, mas constitui o vivido desta relação nunca acabada entre o presente e o passado”⁵. A memória, abalizada nesta concepção, promove uma confluência entre o passado e o presente, em uma relação que não tem fim.

Diferentes campos das ciências sociais se valem da memória em seus estudos, como a sociologia, a antropologia, a psicologia social e a história. Acerca desta última, no entendimento de Le Goff (1990), a memória sustenta a história, resguardando o passado para contribuir com o presente e o futuro.

A respeito da memória e da história, Nora (1993) situa que elas são opostas entre si. De acordo com a sua visão, “a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais”⁶. Ao tentar estabelecer uma representação do passado, a história procura rechaçar e extinguir a memória através de suas doutrinas, procedimentos e instrumentos próprios, realizando uma operação intelectual de exame e discurso crítico do passado, na forma de uma ciência social.

Ao longo de sua obra, Nora (1993) se ampara em elementos da natureza para elucidar a distinção entre a memória e a história. O autor compara a memória a uma árvore e a história a sua casca. Ainda, relaciona a memória ao mar e a história as conchas deixadas por ele na areia da praia. Estas comparações esclarecem o pensamento do autor quanto à memória e à história: a primeira íntegra e profunda; a segunda parcial e superficial. Em suas palavras, “a memória é um absoluto e a história só conhece o relativo”⁷.

Nesse diapasão, quando uma sociedade precisa de uma história que a confirme é porque a sua memória já não existe mais. Então esta sociedade ruma em busca de seus resquícios para compor o quadro dos seus primórdios. Assim, Nora⁸ salienta a necessidade da edificação de lugares de memória, como “museus, arquivos e coleções, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários e associações” como “marcos testemunhais de outra era, das ilusões da eternidade.” Os lugares, segundo o autor (1993), fazem desaparecer o incomensurável capital de memória das sociedades, dando lugar a uma reconstituição fragmentar do passado por meio da história. Nesse ínterim, o autor sinaliza que:

Tudo que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já história. Tudo o que é chamado de clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história. A necessidade de memória é uma necessidade de história.⁹

⁵ Jacques le Goff. *História e memória / Jacques Le Goff*; tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios), p.23

⁶ Pierre Nora. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, dezembro de 1993. p.09

⁷ Pierre Nora. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, dezembro de 1993. p.09

⁸ Pierre Nora. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, dezembro de 1993. p.13

⁹ Pierre Nora. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, dezembro de 1993. p.14

Nessa perspectiva,¹⁰ acentua que "os lugares de memória são, antes de tudo, restos." Estes lugares congregam rastros, vestígios e caminhos do passado, fossilizando-o na história. A existência desses lugares reflete a iminência do desaparecimento do que ele reúne. Não havendo uma defesa do passado, a história, certamente, o desprezaria. A este respeito Nora (1993) ressalta que:

Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São os bastiões sobre os quais se escora. Mas se os que eles defendem não estivesse ameaçado, não teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E, se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória.¹¹

Quanto menos a memória é vivida na essência dos grupos que ela se ergue, mais ela necessita de referências exteriores e sólidas, tendo em vista a aceleração do tempo e o rápido desaparecimento do que ficou no passado. Por isso, Nora¹² pontua que é dada "ao mais modesto dos vestígios, ao mais humilde testemunho a dignidade virtual do memorável."

Um paradigma do pensamento de Nora (1993) pode ser observado na obra de Le Goff (1990) quando este trata da ambição dos reis da Mesopotâmia de imortalizar os seus feitos por meio da construção de estelas, que objetivavam conservar a lembrança de uma vitória. Sobre o uso das estelas, Le Goff (1990) diz que

A pedra e o mármore serviam na maioria das vezes de suporte a uma sobrecarga de memória. Os "arquivos de pedra" acrescentavam à função de arquivos propriamente ditos um caráter de publicidade insistente, apostando na ostentação e na durabilidade dessa memória lapidar e marmórea.¹³

Observa-se, assim, um enraizamento da memória no concreto, no palpável. Uma memória cujo suporte é a pedra, algo físico, na forma de arquivar, não mais na mente, mas externamente, os feitos de um indivíduo ou de um grupo, com a finalidade de preservá-los do tempo e do esquecimento, bem como ser um testemunho visível do passado e, como já pontuado em Le Goff (1990), ser utilizado como instrumento de poder.

De acordo com Nora¹⁴ há uma "materialização da memória", uma vez que ela precisa ser vista e contemplada, não mais sentida. Surge, assim, a memória-arquivo. Na medida em que a memória em seu sentido original se desfaz, há uma necessidade de se compor um dossiê cada vez mais vasto que armazene os sinais

¹⁰ Pierre Nora. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, dezembro de 1993. p.12

¹¹ Pierre Nora. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, dezembro de 1993. p.13

¹² Pierre Nora. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, dezembro de 1993. p.14

¹³ Jacques le Goff. *História e memória / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão... [et al.]* -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios), p.373

¹⁴ Pierre Nora. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, dezembro de 1993. p.15

visíveis do que se passou. Conforme o autor¹⁵ “não é mais o saldo mais ou menos intencional de uma memória vivida, mas a secreção voluntária e organizada de uma memória perdida.

Acerca dessa materialização, Le Goff (1990) assinala se produzem cada vez mais medalhas, moedas, selos postais, monumentos e placas de parede como um suporte para a memória. Do mesmo modo, não é apenas necessário um armazenamento dos vestígios físicos da memória, mas esta precisa ser comemorada, ou seja, ritualmente recordada na sociedade em suas celebrações, que também são, segundo o pensamento de Nora (1993), lugares de memória.

Além da sociedade arquivar os rastros da sua memória, Nora (1993) observa a existência de homens-memória, que solitariamente se encarregam de preservá-la. A memória deixa de ser vivida no social e passa para o campo da vida privada; se transfere do histórico para o psicológico, onde cada um se sente compelido a ir em busca de sua compreensão. “O dever de memória faz de cada um historiador de si mesmo”, aponta Nora.¹⁶

Após situar a transformação da memória tradicional em arquivar de vestígios do passado e se situar na esfera individual, no dever de se lembrar, Nora (1993) também afirma que a memória se converte em história quando há distância. É preciso que haja uma distinção entre o que se viveu e o que se vive, uma separação entre o presente e o passado, este último como outro mundo, do qual a sociedade não tem nenhuma conexão. O passado como algo que não representamos mais, mas que nele buscamos nos decodificar.

Diante dessas questões, Nora (1993) expõe que a memória se ancora em lugares. O autor define lugares de memória como “toda unidade significativa, de ordem material ou ideal, que a vontade dos homens ou o trabalho do tempo converteu em elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade qualquer”.¹⁷

Nessa concepção, para ser um lugar de memória é preciso que haja uma relevância de seu conteúdo para a sociedade em que está inserido, seja físico ou simbólico. Tais lugares, para Nora (1993), possuem três características: materiais, como um armazém de arquivos; funcionais, como um manual de instruções e simbólico, como o um minuto de silêncio que comumente se solicita para se dedicar a uma lembrança. Entretanto, estas características não excluem umas as outras, mas estão presentes em todos os lugares de memória concomitantemente. O autor pontua que estes lugares são materiais em virtude de seu conteúdo físico. Do mesmo modo, tem uma funcionalidade, uma vez que preservam a lembrança e oportunizam a sua transmissão. De igual maneira são simbólicos, uma vez representam um acontecimento em que a maioria das pessoas não participou, mas, mesmo assim, se atribui um significado social a ele.

¹⁵ Pierre Nora. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, dezembro de 1993. p.16

¹⁶ Pierre Nora. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, dezembro de 1993. p. 17

¹⁷ NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire*. Quarto Gallimard. Paris, 1997. p. 2.226

E qual o objetivo desses lugares de memória? Nora (1993) responde ao dizer que seu intuito é parar o tempo, evitar o esquecimento e tornar o incorpóreo concreto, atribuindo o maior número de sentidos possíveis em ínfimos vestígios. "Todos os lugares de memória", segundo Nora¹⁸ "são objetos no abismo", como representação de algo que está fora do alcance.

Nessa linha de raciocínio, o autor (1993) coloca que se em tais lugares, que não necessitam, apenas, ter um aspecto físico, a exemplo das comemorações e dos rituais, podem ser observados fragmentos do passado, apontando um grau de distanciamento com o presente, não se está mais inserido na memória, mas dentro da história. Esta se aproveita da memória para compor uma reconstituição do passado. Segundo Nora¹⁹ "é a memória que dita e a história que escreve."

Como já colocado nesse capítulo, a história se apóia em fragmentos da memória para registrar a sua versão do passado. A seleção desses rastros não é isenta, conforme assinala Le Goff:

o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores.²⁰

O autor propõe, então, que há uma seletividade, uma escolha por parte daqueles que se dedicam à história no quanto ao que deve ser registrado e ao que deve ser esquecido. Apoiada na memória, a história se apropria de algumas lembranças, as fixando no que Nora (1993) chama de lugares de memória, com o intuito de impedir o esquecimento de certos acontecimentos e de constituir uma identidade social a partir destes.

Segundo Le Goff (1990), estes materiais em que a memória se ampara, que serão utilizados pela história para escrita de um relato do passado, apresentam-se de duas maneiras básicas, a saber: os monumentos e os documentos. Sobre o monumento o autor pontua que os mesmos estão ligados a capacidade de eternizar certo acontecimento, sendo um "legado à memória coletiva"²¹ Já o documento apresenta-se, conforme o autor, como um testemunho objetivo escrito do passado. Contudo, Le Goff (1990) coloca que o documento precisa ser encarado como um reflexo da sociedade que o fabricou por meio das relações dos que possuíam o poder para registrá-lo, devendo também ser entendido como um monumento repleto de intencionalidade em sua construção.

Além dos monumentos e dos documentos, Nora (1993) inclui na lista dos meios nos quais a memória se apóia as celebrações, os rituais, os aniversários e as associações que, na verdade, podem ser entendidos como mecanismos de

¹⁸ Pierre Nora. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, dezembro de 1993. p. 24

¹⁹ Pierre Nora. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, dezembro de 1993. p.24

²⁰ Jacques le Goff. *História e memória / Jacques Le Goff*; tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios), p.462

²¹ Jacques le Goff. *História e memória / Jacques Le Goff*; tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios), p.462

perpetuação de certos eventos, muitas vezes ancorados em documentos e monumentos, cuja periodicidade dificulta o esquecimento.

Tendo como parâmetro as considerações até aqui tecidas, este estudo irá apresentar alguns elementos materiais do CEJK que permitem enxergá-lo como um lugar de memória, segundo a perspectiva de Nora (1993). Do mesmo modo, como tais elementos fazem homenagem e/ou referência a mulheres na instituição.

Mulheres no CEJK através de suas placas e quadros

A partir da visita ao CEJK, em consonância com a perspectiva de Nora (1993), é apropriado qualificar a instituição como um lugar de memória, uma vez que o tempo ou a vontade dos sujeitos que passaram pela instituição converteram recursos materiais (uniformes, quadros e placas descerradas) e recursos simbólicos (celebrações e hinos) em um patrimônio memorial da instituição, que tem atravessado tempos e épocas.

O presente estudo se concentrará na análise dos quadros e das placas encontrados na instituição como elementos desse lugar de memória. Como sinalizado em Le Goff (1990), as placas e quadros podem ser entendidos como suportes para a memória.

Há no CEJK diversos quadros das formandas da instituição. Em um deles, descerrado no ano de 1979, mesmo ano da inauguração do prédio do CEJK, observa-se que se formam setenta e quatro professoras, não havendo nenhuma presença masculina entre as formandas. Tais professoras eram formadas para atender à Educação Infantil e aos anos iniciais do Ensino Fundamental, incluindo as suas modalidades. A totalidade de mulheres neste quadro aponta para a predominância feminina da profissão docente, principalmente nas etapas de escolaridade supramencionadas.

O nome do Professor Araken de Abreu e Silva, então diretor do CEJK, aparece no quadro como presença masculina que dá nome a turma de professorandas, sendo homenageado com a frase "Ao incansável lutador, o sonho feito realidade." Este sonho era a construção de um prédio próprio, uma vez que, segundo conversa com o Professor Araken, até 1979 o CEJK era uma "alma sem corpo".

Como já salientado, o CEJK foi inaugurado no ano de 1960, mas até o ano de 1979 a instituição não possuía um prédio próprio para o seu funcionamento. Inicialmente, foram utilizadas as instalações do Colégio Paulo de Frontim, para o funcionamento do Curso Normal, e as instalações da Escola Técnica do Comércio Amaro Cavalcanti, para o funcionamento do Curso Ginásial. Entre os anos de 1961 e 1978, a instituição funcionou no prédio do Liceu de Artes e Ofícios.

Acerca da inauguração do prédio da instituição, há duas placas em referência a então Secretária de Educação e Cultura do Governo Faria Lima, Professora Myrthes de Luca Wenzel, uma em alusão a conclusão da e outra com seu nome dado a um pavilhão.

A garantia de um prédio próprio foi conquistada quando Myrthes de Luca Wenzel perguntou ao Professor Araken sobre o que ele desejava para o CEJK e a resposta

não foi outra: a construção de um corpo para esta alma que perambulava. A secretária, segundo o Professor Araken, foi uma excelente educadora e gestora, conforme também demarcam Faria e Lobo²² ao asseverarem: “é possível afirmar que [...] D. Myrthes tenha sido uma educadora, cujas memórias denotam uma obra digna de consideração e respeito.” Em virtude da ação de Myrthes de Luca Wenzel, quando o prédio do CEJK foi finalmente inaugurado a mesma recebeu uma placa em sua homenagem, nomeando um de seus pavilhões.

Outras mulheres são homenageadas no CEJK através de placas e quadros. Professoras que atuaram no CEJK, além de serem homenageadas com placas, dão nome a alguns espaços da instituição, como no caso da Professora Luzia Tavares da Silva, que atuou como uma das diretoras da instituição, cujo nome é atribuído a dois auditórios diferentes e em épocas distintas, bem como a reprografia da CEJK que leva o nome da Professora Elazir Bezerra de Menezes, uma das professoras de Artes. Do mesmo modo, há no pátio da instituição uma placa em homenagem a Professora Daise Lopes Lima, que havia falecido no ano de seu descerramento, em gratidão as suas ações por um mundo melhor através da educação pública.

Estas placas revelam um reconhecimento das profissionais que ali lecionaram, como um marco de sua atuação, em uma perspectiva de valorização da mulher e do magistério, uma vez que o CEJK é uma instituição formadora de professores. Mesmo que as professoras homenageadas tenham deixado a instituição, por motivos particulares ou até mesmo pela morte, seus nomes estão inscritos em seus umbrais, como um elemento memorial que materializa, com o objetivo de não permitir o esquecimento, a sua passagem e serviços prestados.

Ainda, em um dos corredores da instituição, há homenagens à Olintina Costa, professora da instituição e autora dos hinos “Hino do CEJK”, com o refrão “Salve Julia Kubitschek/ Templo augusto doce lar/ O teu nome saberemos/ Entre luz glorificar” e “Avante Normalista”, com o refrão “Com laços de amizade/ As Escolas Normais serão bem unidas/ O uniforme azul-branco/ Suas honras e glórias/ Sempre defendidas, merecidas”.

Através da entoação em coro de hinos compostos por Olintina Costa em diversas celebrações, o CEJK promove a manutenção de uma tradição institucional e de uma memória coletiva, uma vez que tais canções e rituais abrangem a todos que passam pela instituição e, ao mesmo tempo, estabelecem uma ponte com o passado.

Considerações Finais

Com o intuito de perceber como a memória se materializa, este estudo conceituou a memória e os lugares de memória a partir da perspectiva de Pierre Nora (1993). Para o autor, a memória é vida. Ela é gerada e transportada no interior de grupos vivos, não sendo imutável e inflexível, mas aberta a dialética da lembrança e do esquecimento. Todavia, diante do aceleração do tempo, há um risco da memória se perder. Devido a isso, surge uma necessidade de se consagrar lugares a memória, como o intuito de evitar o esquecimento. Mas, quando se fala

²² FARIA, Lia; LOBO, Yolanda. Memórias e Discursos - *A Escola Fluminense Pós-Fusão (1975-1983)*. Cadernos de História da Educação 4 (2008). P.2.774

em dedicar lugares a memória, é porque não se habita mais na verdadeira memória, mas na história, cujo objetivo é efetuar uma reconstrução intencional dos vestígios deixados pelo passado. Assim, lugares de memória são, antes de tudo, lugares de história, e podem ser percebidos através de: museus, associações, celebrações, rituais, arquivos, que reúnem, tanto no campo simbólico como material, rastros do passado, com o fim de serem comemorados

Contribuiu, ainda, para o entendimento da memória neste estudo a obra de Jacques Le Goff (1990). Para o autor, os fatos comuns presentes nas memórias individuais compõe uma memória coletiva, de caráter mítico e atemporal, redutora do passado a um marco fundador. Segundo Le Goff (1990), em uma perspectiva comum a Nora (1993), esta memória se apóia em recursos materiais, como placas de paredes. Estes recursos não manifestam tudo o que foi o passado, mas representam o fruto de uma escolha efetuada com o intuito de demarcar o que se deve ou não recordar, bem como produzir uma identidade coletiva.

As placas e quadros dedicados a mulheres no CEJK podem ser percebidas, na perspectiva de Le Goff (1990), tanto como monumentos, isto é, um legado físico à memória institucional, como um documento, uma vez que se apresentam como um testemunho escrito do passado. Tais elementos se apresentam como vestígios de atuações femininas no magistério e permitem monumentalizar uma memória de valorização da mulher em uma instituição onde o público é majoritariamente feminino.

Desse modo, se pode considerar que as inúmeras placas e quadros descerrados compõem o lugar de memória que é o CEJK e servem como recurso material para que a memória da instituição não seja esquecida, bem como para que se construa uma memória coletiva edificada em torno de mulheres.

Bibliografia

FARIA, Lia; LOBO, Yolanda. Memórias e Discursos - *A Escola Fluminense Pós-Fusão (1975-1983)*. Cadernos de História da Educação 4 (2008). Disponível em: http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/241LiaFaria_YolandaLobo.pdf Acesso em 13/11/2015.

LE GOFF, Jacques. *História e memória / Jacques Le Goff*; tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire*. Quarto Gallimard. Paris, 1997.